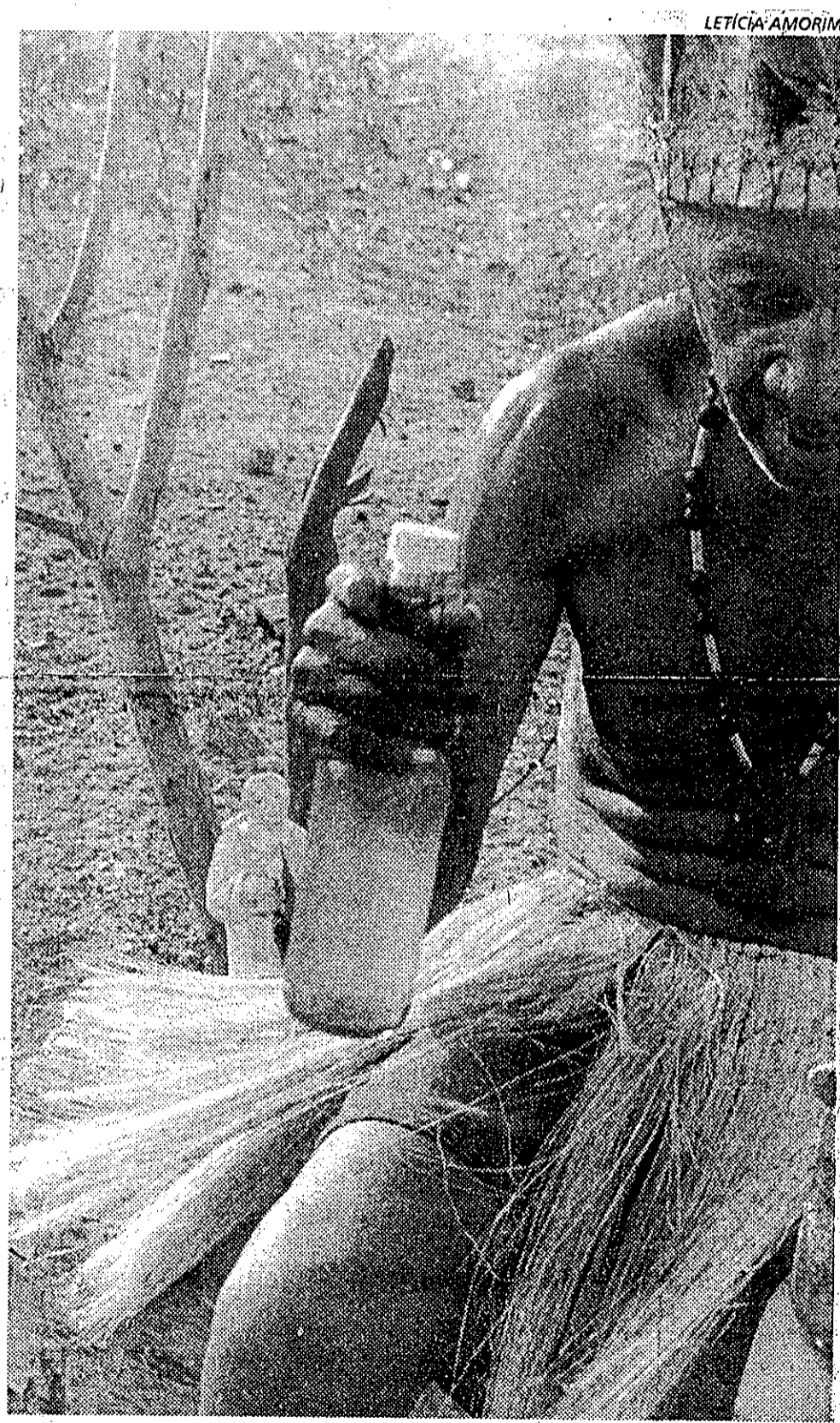


EXPOSIÇÃO

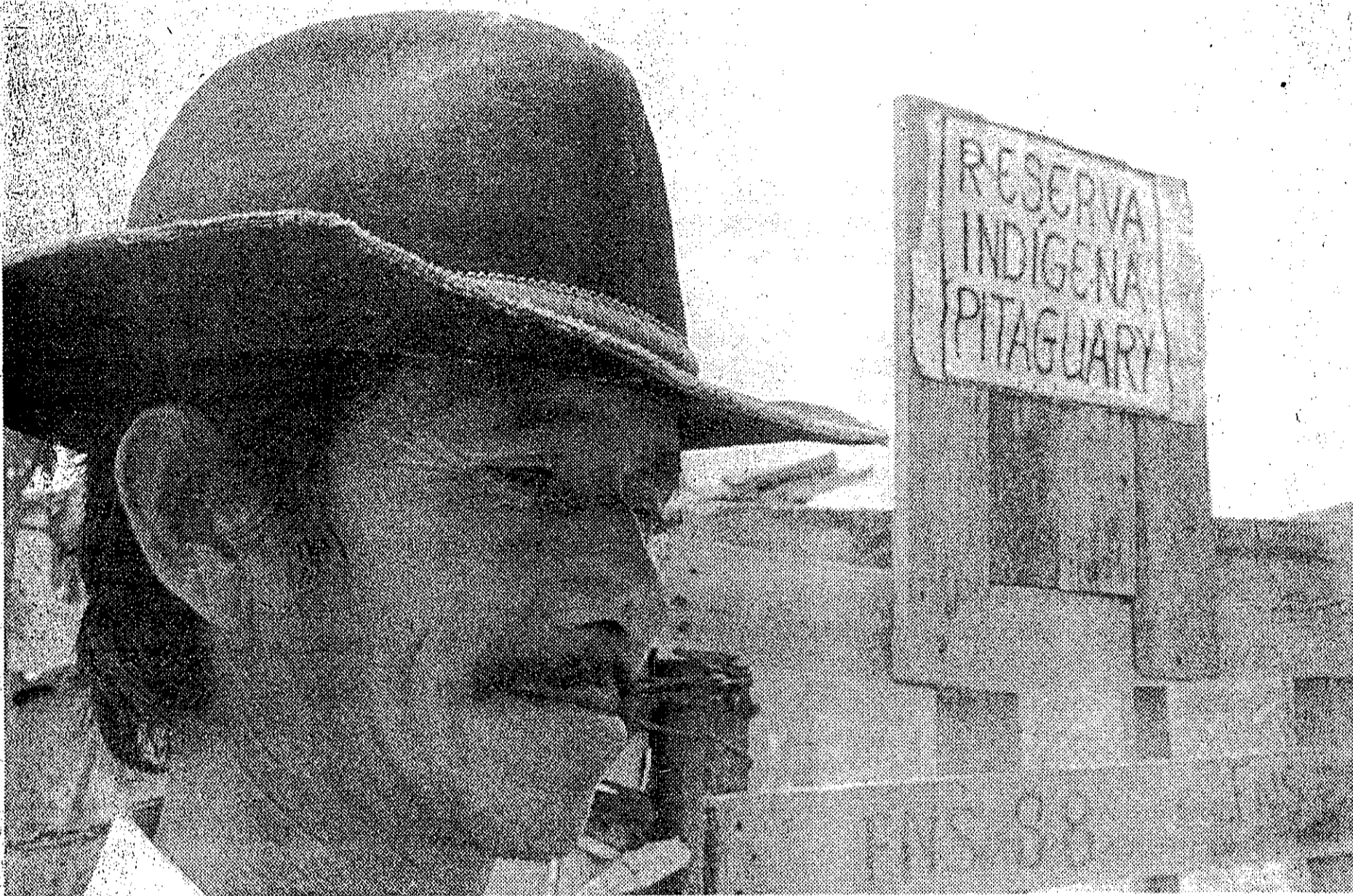
Luz na tribo Pitaguary



O POVO / Fortaleza-CE, sexta-feira, 18 de dezembro de 1998

vida & arte

ALTEVIR MATIAS



■ Fotos dos alunos do Instituto Dragão do Mar em exposição a partir de hoje no Museu da Imagem e do Som

VANESSA VALENTIN



Com o consentimento dos índios Pitaguary, moradores de Maracanaú, os alunos concludentes do curso de fotografia do Instituto Dragão do Mar flagraram cenas cotidianas na reserva, produzindo o primeiro ensaio fotográfico ■

ETHEL DE PAULA

Da Editoria do Vida & Arte

Cinco meses de estudos, aulas práticas aos sábados e um módulo de realização final - o preto no branco. Oficialmente, é a primeira vez que os 18 alunos de fotografia do Curso de Cinema e Vídeo do Instituto Dragão do Mar vêm expor seus trabalhos. O tema, escolhido em consenso, encontra justificativa numa pesquisa de campo que para além da plasticidade das imagens primou por revelar histórias de vida: *Índios Pitaguary - Fragmentos de Identidade* contempla o cotidiano aculturado da reserva indígena de Maracanaú. Ao todo, são 50 fotos documentais, que entram em cartaz no Museu da Imagem e do Som (MIS) a partir de hoje, às 20 horas.

Nos cinco dias em que percorreram a aldeia, os fotógrafos deram conta de uma rotina que alterna percalços, excentricidades e resquícios de memórias. Para começar: na reserva, não foi feito o fiação necessário para utilização da energia elétrica. Há também escassez de água. São três chafarizes abastecidos por carros-pipa a cada três dias. Outra: durante aquele período, a escola próxima não abriu suas portas. Segundo Leticia Amorim, uma das concludentes do curso, a maioria dos pitaguary encontra sustento na carvoaria, além do artesanato. Do dialeto original, pouco se lembram. "Eles contam que os an-

tepassados foram obrigados a aprender o português, sob pena de serem perseguidos e mortos pelos donos da terra. Mas a terra é deles. Aliás, é só o que pedem: o reconhecimento de suas terras e respeito", pontua.

Em campo, a equipe de fotógrafos correu atrás da intimidade da tribo. Morando em casas de taipa, as famílias aos poucos abriram guarda, acolhendo as visitas. "Era uma competição: todos queriam que a gente almoçasse em suas casas. Num desses almoços, eu e mais três amigos percebemos que só havia quatro cadeiras e uma mesa no lugar. Os donos da casa mandaram a gente sentar e nos serviram os pratos com Q-Suco. Quando voltaram à cozinha fomos espiar: estavam sentados no chão da cozinha comendo numa lata de goibada e com as mãos. Aquele gesto foi tocante, uma prova de civilidade", lembra Leticia.

Predominantemente evangélicos, os índios vivenciam um insuspeitado sincretismo: batizam seus filhos na igreja de Santo Antônio do Pitaguary; acendem velas no cemitério; consideram mal assombrado o entorno da mangueira de 300 anos e participam dos cultos semanais promovidos pelo pastor André na casa de irmã Quinha. De quebra, alimentam crenças. Segundo Leticia, todos por lá acreditam na caipora. Descrita como um cavalo com cabeça de fogo, já teria aparecido para muitos moradores. "Dona Maria, uma das índias, disse que foi perseguida pela caipora certa noite. Sentiu um arrepio mas não se virou, porque não se deve olhar para ela. E só conseguiu se safar porque falou firme com a caipora, dizendo não ter medo dela", reproduz.

Índios Pitaguary: Fragmentos de Identidade - Exposição fotográfica no Museu da Imagem e do Som (rua Barão de Studart, 410). Vernissage hoje, às 20 horas. A mostra prossegue em cartaz pelos próximos 30 dias. Aberta ao público.